

Educação musical e autismo: panorama das publicações científicas nacionais (2016-2023)

Raquel Pereira Soares

Universidade de Caxias do Sul
orcid.org/0009-0005-5845-0391
rpsouares2@ucs.br

Cláudia Alquati Bisol

Universidade de Caxias do Sul
orcid.org/0000-0001-5090-5578
cabisol@ucs.br

SOARES, Raquel P.; BISOL, Cláudia A. Educação musical e autismo: panorama das publicações científicas nacionais (2016-2023). *Revista da Abem*, [s. l.], v. 32, n. 1, 32114, 2024.





Educação musical e autismo: panorama das publicações científicas nacionais (2016-2023)

Resumo: A Educação Especial Inclusiva no Brasil, ao longo de décadas, tem passado por muitas transformações. Através dos esforços, principalmente das pessoas com deficiências, contextos e paradigmas vêm sendo modificados e direitos e benefícios vêm sendo garantidos por leis. Em vista disso, objetivou-se por meio deste estudo conhecer de que modo recentes pesquisas científicas vêm se desenvolvendo sobre o tema educação musical e autismo, especificamente para crianças e adolescentes autistas. A abordagem de caráter exploratória se deu por meio de pesquisa bibliográfica de publicações nacionais, através de busca eletrônica de artigos científicos com acesso livre e disponibilizados na íntegra. O mapeamento se deu entre os anos de 2016 e 2023, nos portais da ABEM, ANPPOM, CAPES, SciELO, SIMCAM e SIMPOM. Nas 28 publicações encontradas, buscou-se, sobretudo, as metodologias desenvolvidas, autores referenciados, enfoques e áreas que embasaram as perspectivas das publicações apresentadas. Para análise dos dados, observou-se a proposta de Lima e Mito (2007). Percebe-se que as instituições especializadas no ensino de música se constituem enquanto espaços e possibilidades para expansão e aprofundamento em novas investigações científicas. Espera-se que este estudo possa trazer contribuições para a comunidade científica, educadores musicais e demais interessados nesse objeto de pesquisa.

Palavras-chave: autismo; TEA; educação musical; educação inclusiva; educação especial.

Music education and autism: overview of national scientific publications (2016-2023)

Abstract: Inclusive Special Education in Brazil, over decades, has undergone many transformations. Through the efforts, especially of people with disabilities, contexts and paradigms have been modified and law has guaranteed rights and benefits. In view of this, the objective of this study was to know how recent scientific research has been developed on the subject of music education and autism, specifically for autistic children and adolescents. The exploratory approach was carried out through bibliographic research of national publications, through an electronic search of scientific articles with open access and available in full. The mapping took place between 2016 and 2023, on the portals of ABEM, ANPPOM, CAPES, SciELO, SIMCAM and SIMPOM. In the 28 publications found, we searched, above all, for the methodologies developed, referenced authors, approaches and areas that supported the perspectives of the publications presented. For data analysis, we observed the proposal by Lima and Mito (2007). We understand that specialized institutions in music teaching constitute spaces and possibilities for expansion and further scientific research. We hope that this study can contribute to the scientific community, music educators and others interested in this subject of research.

Keywords: autism; ASD; music education; inclusive education; special education.

Educación musical y autismo: resumen de las publicaciones científicas nacionales (2016-2023)

Resumen: La Educación Especial Inclusiva en Brasil, a lo largo de décadas, ha sufrido muchas transformaciones. A través del esfuerzo, especialmente de las personas con discapacidad, se han modificado contextos y paradigmas y se han garantizado derechos y beneficios por leyes. Ante esto, el objetivo de este estudio fue conocer cómo se han desarrollado investigaciones científicas recientes sobre el tema de la educación musical y el autismo, específicamente para niños y adolescentes autistas. El abordaje exploratorio se realizó a través de la investigación bibliográfica de publicaciones nacionales, a través de una búsqueda electrónica de artículos científicos de acceso abierto y disponibles en su totalidad. El mapeo se realizó entre 2016 y 2023, en los portales de ABEM, ANPPOM, CAPES, SciELO, SIMCAM y SIMPOM. En las 28 publicaciones encontradas, se buscaron, sobre todo, las metodologías desarrolladas, los autores referenciados, los enfoques y las áreas que apoyaban las perspectivas de las publicaciones presentadas. Para el análisis de los datos se siguió la propuesta de Lima y Mito (2007). Se puede observar que las instituciones especializadas en la enseñanza de la música constituyen espacios y posibilidades de expansión y profundización en nuevas investigaciones científicas. Se espera que este estudio pueda aportar contribuciones a la comunidad científica, educadores musicales y otras personas interesadas en este objeto de investigación.

Palabras clave: autismo; TEA; educación musical; educación inclusiva; educación especial.



Apontamentos introdutórios

Este trabalho é parte integrante de uma pesquisa de mestrado em andamento, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul (UCS), na perspectiva da educação inclusiva, sobre o tema educação musical e autismo. O trabalho se fundamenta no desejo de se conhecer de que modo recentes pesquisas científicas vêm se desenvolvendo nos últimos anos. Desta forma, a partir dos dados obtidos, esperamos desenvolver um estudo que possa trazer contribuições para a comunidade científica, educadores musicais e demais interessados nesse objeto de pesquisa.

À vista disso, em uma primeira busca por trabalhos científicos no portal dos periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), encontramos o trabalho de Daniele Pendeza e Iara Cadore Dallabrida, publicado em 2016, em Londrina, pela Revista da ABEM¹ (v. 24, n. 37, p. 98-113. jul./dez.). O trabalho, sob o título “Educação Musical e TEA: um panorama das publicações nacionais”, serviu de inspiração para nova pesquisa com delineamento de réplica parcial e extensiva através de busca realizada entre os anos de 2016 e 2023. A replicação de pesquisa consiste em pesquisar novamente, tendo em vista investigar e comparar os resultados obtidos, definir e/ou validar teorias; caracteriza-se pela reprodução total ou parcial dos procedimentos metodológicos de um estudo, e pode-se introduzir mudanças em algum aspecto do estudo original, visando a generalização e ampliação do escopo da pesquisa (Morrison; Matuszek; Self, 2010).

Este estudo de caráter exploratório foi realizado por meio de pesquisa bibliográfica de publicações científicas nacionais, através de busca eletrônica por artigos científicos com acesso livre e disponibilizados na íntegra. Utilizou-se como critérios de exclusão trabalhos repetidos nas plataformas de buscas e com acesso restrito e/ou parcial. O mapeamento foi realizado nos portais da ABEM, ANPPOM², CAPES, SciELO³, SIMCAM⁴ e SIMPOM⁵, que foram selecionados por constituírem

¹ Associação Brasileira de Educação Musical.

² Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música.

³ Scientific Electronic Library Online.

⁴ Simpósio Internacional de Cognição e Artes Musicais.

⁵ Simpósio Brasileiro de Pós-Graduandos em Música.

espaços expressivos de publicações das áreas de Educação Musical e Educação Especial. Os descritores-chave utilizados foram: TEA; autismo; TGD; educação musical; educação musical especial; ensino de música e TEA; musicoterapia.

Buscou-se identificar, nas publicações selecionadas: as metodologias desenvolvidas, autores referenciados, enfoques e áreas que embasaram as perspectivas das publicações apresentadas. Investigou-se o contexto da educação musical, com foco no ensino musical e práticas de inclusão, para crianças e adolescentes autistas no Brasil.

Para a análise do campo investigativo, observou-se a proposta de Lima e Mito (2007), que indicam as seguintes fases de leitura: reconhecimento do material bibliográfico, leitura exploratória, leitura seletiva, leitura reflexiva ou crítica e, por fim, leitura interpretativa. Deste modo, buscou-se dados para comparações analíticas entre os resultados obtidos e os resultados da pesquisa replicada que viessem revelar possíveis lacunas e/ou identificar avanços nas pesquisas.

Antes de apresentarmos os resultados, é necessário trazer um breve olhar acerca do autismo. O termo “autismo”, do grego “autos”, significa “si mesmo”, e foi cunhado pelo psiquiatra suíço Eugen Bleuler, em 1911. A palavra traduz uma condição humana do indivíduo que vive para si (Gadia, 2004; Kortmann, 2013; Maluf, 2023). Bleuler utilizou essa palavra para descrever o comportamento observado em pacientes esquizofrênicos que apresentavam fuga da realidade e retraimento para um mundo interior, e para crianças com dificuldades de interação social, tendência ao isolamento, estereotípias e ecolalias. Na época, o autismo era considerado uma patologia mental associada à histeria e à esquizofrenia (Gadia, 2004; Kortmann, 2013; Maluf, 2023).

Durante a década de 1950, houve muita discussão e pesquisa sobre a natureza do autismo e o pensamento mais comum era de que seria causado por pais emocionalmente distantes e pouco afetivos. No entanto, na década de 1960, cresceram as suposições e evidências, sugerindo que o autismo era um transtorno cerebral presente desde a infância, que abrangia qualquer perfil socioeconômico e étnico-racial, em qualquer lugar do mundo. De acordo com Louro (2021a, p. 16), “[...] as pesquisas começaram a apontar que a causa do autismo seria multifatorial e neurobiológica, o que fez cair a teoria da ‘frieza dos pais’” (Klin, 2006; Maluf, 2023).

Em 1952, A Associação Americana de Psiquiatria (APA) publicou a primeira edição do Manual de Diagnóstico e Estatístico de Doenças Mentais, o DSM-I, que regula e estabelece critérios padrão para o diagnóstico dos transtornos mentais. Nesse sentido, o autismo foi classificado como um sintoma da esquizofrenia infantil, não sendo entendido como uma condição específica (Gaiato, 2018).

Em 1978, o psiquiatra Michael Rutter classificou o autismo como um distúrbio do desenvolvimento cognitivo, criando um marco na compreensão do transtorno. Em 1980, Rutter, na elaboração do DSM-III, mudou os critérios de diagnóstico, eliminando a esquizofrenia como sintoma e fixando-a numa nova categoria, a dos Transtornos Invasivos do Desenvolvimento (TID) (Maluf, 2023).

Em publicação de 2013, o DSM-V propôs a denominação “Transtorno do Espectro Autista” (TEA), eliminando as subdivisões e classificando o autismo por níveis de apoio e intervenção que a pessoa necessita receber: nível 1 (leve), 2 (médio/moderado) e 3 (severo), que podem estar, ou não, associados a outros diagnósticos de comorbidades (APA, 2014; Gaiato, 2018; Louro 2021a; Maluf, 2023).

De acordo com a Organização Pan-americana de Saúde (OPAS), estima-se que, atualmente, na população mundial, uma em cada 160 crianças tenha diagnóstico de TEA. A OPAS admite que a prevalência do autismo vem aumentando globalmente e acredita que, entre as várias explicações cabíveis para esse aumento, estão a conscientização sobre o tema, a expansão e melhorias dos critérios diagnósticos e o aprimoramento de informações (OPAS, 2023).

Educação inclusiva e autismo

O fato de uma das autoras deste artigo ser professora de música permite que seja trazida observação a respeito do aumento do número de alunos autistas vinculados a escolas de música. Observa-se crianças e adolescentes buscando experiências de musicalização e escolas, por sua vez, se abrindo para o trabalho com este público. Entendemos que este movimento é simultâneo ao fato de que, progressivamente, as famílias de crianças autistas vêm exercendo seus direitos em relação à educação inclusiva, e com essa demanda surgem novos desafios para os professores de música na busca por melhores estratégias pedagógicas e de acolhimento.

Historicamente, as pessoas com deficiências foram educadas de forma segregada em escolas especiais, acreditava-se que não tinham capacidade de aprender em igualdade com seus pares. No entanto, na segunda metade do século XX, surgiu um movimento em direção à integração e inclusão dessas pessoas nos espaços escolares, marcando o início do processo de inclusão. Com isso, a educação musical também abriu espaço às pessoas com deficiência junto a pessoas de desenvolvimento típico (Senra; Álvares; Mattos, 2017).

A Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948) constituiu-se enquanto um marco para o aprimoramento das discussões e criação de leis, pois considera todos os seres humanos iguais em direitos, sem qualquer distinção, sendo a educação um direito de todos (ONU, 1948). A Constituição Federal (1988, Art. 208) garante o atendimento educacional especializado às pessoas com deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino (Brasil, 1988).

As pessoas autistas, para todos os efeitos legais, são compreendidas pela legislação como indivíduos com deficiência. Seus direitos são garantidos pela Lei Brasileira de Inclusão (nº 13.146, 2015) e pela Lei Berenice Piana (nº 12.764, 2012), dentre outras (Brasil, 2012; Brasil, 2015).

Senra, Álvares e Mattos (2017) salientam que a presença de crianças com deficiência nas escolas regulares requer mudanças ou adaptações, tanto na estrutura física como na estrutura pedagógica das instituições, e que exige dos professores estratégias que garantam a aprendizagem dessas crianças. A escola como um todo precisa conhecer as características, necessidades e limitações, bem como peculiaridades e possibilidades desses estudantes. De acordo com Maluf (2023),

a inclusão de um indivíduo **autista** vai muito além de colocá-lo em uma escola comum, em sala regular. É imprescindível proporcionar a esse indivíduo aprendizagens significativas, investindo em seus potenciais e compreendendo-o, portanto, como um ser que aprende, pensa, sente, participa de um grupo social e desenvolve-se com ele e a partir dele, com toda a sua peculiaridade (Maluf, 2023, p. 63, grifo da autora).

Para a autora, uma escola perfeita e totalmente inclusiva para autistas não existe. O que existe são escolas que estão procurando se (re)adaptar conforme as necessidades e dificuldades da pessoa com autismo. A autora salienta que no



Brasil, de uma forma geral, a educação não está organizada para qualquer tipo de inclusão que alargue de forma plena as potencialidades das pessoas com deficiência, inclusive das pessoas autistas. Sendo assim, a escola que recebe e organiza o seu espaço físico, o currículo e mantém atualizada a formação de toda a equipe escolar é a escola ideal para atender alunos autistas (Maluf, 2023). Na mesma perspectiva, Schambeck (2016, p. 29) afirma que, no Brasil, “[...] a inclusão não foi completamente entendida, apropriada e estruturada pelas instituições de ensino e, em especial, para os cursos formadores de professores de música”.

Educação musical e autismo

Por educação musical entende-se o ensino e aprendizado de música nos mais variados contextos (formais ou não formais) e configurações, realizada individual ou coletiva, para qualquer idade (Oliveira; Parizzi, 2022a). De acordo com Louro (2021a, p. 37), “a música sempre teve uma enigmática relação com o autismo, pois não são incomuns a presença de habilidades musicais surpreendentes nessas pessoas”. A autora ressalta que os cientistas ainda não conseguiram explicar como, e porque há alguns com tanta predisposição musical. Em razão disso, a música se tornou uma importante ferramenta amplamente utilizada para tratamento e desenvolvimento global do autista.

Neves e Parizzi (2022) justificam essa relação ressaltando que, geralmente, as pessoas autistas possuem um elevado nível de interesse por sistematização, e que, portanto, é compreensível a afeição pela música, pelo som que conta com um padrão de organização. Ao participar de uma produção musical ou de uma escuta ativa, a pessoa autista desencadeia respostas fisiológicas que podem ajudá-la na auto-organização e na expressão social.

É importante esclarecer que existem duas possibilidades de utilização da música pela pessoa com autismo: pura e simplesmente pelo prazer de fazer música através de prática instrumental, canto e musicalização infantil; pela abordagem terapêutica da música com foco na reabilitação das habilidades cognitivas, psíquicas e motoras, e regulação de comportamentos, conhecida como musicoterapia (Louro, 2021a; Santos; Lopardo, 2018).



Nesse sentido, o que a educação musical enfatiza é a prática musical com o fim em si mesma. O ensino de música igualmente contribui, de forma indireta, para o desenvolvimento de capacidades e habilidades motoras, afetivas, cognitivas e sociais (Mateiro; Ilari, 2012; 2016). Gainza (1988) afirma que a educação musical contribui significativamente para o processo do desenvolvimento humano. Brito (2011) acredita numa educação musical que humaniza, universaliza e integra o indivíduo, e que promove o desenvolvimento global do potencial humano.

Tecendo um panorama sobre educação musical e autismo

Através de investigação e mapeamento foi encontrado um total de 28 artigos científicos em conformidade com o tema e descritores estabelecidos, relacionados no Quadro 1 a seguir:

	Autor	Título	Tipo	Ano	Plataforma
1	ASNIS, V. P.; ARANTES A.; ELIAS, N. C.	Ensino de habilidades rítmicas para meninos com Transtorno do Espectro do Autismo	Artigo	2019	CAPES
2	BLUMER, C.	A Educação Musical Aliada à Clínica Psicomotora e a construção Simbólica no Trabalho com Pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA)	Artigo	2016	ANPPOM
3	CANDEMIL, L. da S.; SILVA, J. V. da; MULLER, C.	Jardim En-Cantado: materiais didáticos para alunos com transtorno do espectro autista	Artigo	2016	ANPPOM
4	CUNHA, R.V.; MENDES, A. do N. A.	Educação musical para pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA): proposta de atividade musical com o auxílio de Tecnologia Assistiva	Artigo	2021	ABEM
5	DAUZACKER, P.; STOCCHERO, M. de A.	Transtorno do espectro do autismo: um levantamento bibliográfico	Artigo	2017	SIMCAM
6	FIGUEIREDO, C. F.	Perspectivas sobre o engajamento musical do aluno com autismo: uma revisão narrativa e interdisciplinar.	Artigo	2021	ABEM
7	FIGUEIREDO, C. F.; LÜDERS, V.; SILVA, M. V. da	Tecnologia musical e transtorno do espectro autista: possibilidades e potencialidades na aula de música	Artigo	2019	SIMCAM
8	AIRES FILHO, S. A. de A.	Música é linguagem? E o que o autismo tem a ver com isso?	Artigo	2019	ANPPOM
9	AIRES FILHO, S. A. de A.	Educação musical e autismo: um estudo sobre a percepção das mães a respeito do desenvolvimento de seus filhos nas aulas de musicalização	Artigo	2021	ANPPOM
10	FONSECA, M. B. P.	Musicalidade Originária e Educação Musical: Potencializando Canais de Comunicação com o Autista	Artigo	2023	CAPES
11	FREIRE, M. <i>et al.</i>	Validação da Escala de Desenvolvimento Musical de Crianças com Autismo (DEMUCA): análise semântica, interexaminadores, consistência interna e confiabilidade externa.	Artigo	2019	CAPES
12	LOURO, V.	Ensino musical e Autismo: relato de uma experiência a partir de uma pesquisa de doutorado em neurociências	Artigo	2021	CAPES

13	MATTOS, G. E.; RAUSCH, R. B.; LANG, A.	O som do silêncio: vibrações da música no desenvolvimento sociocultural da criança com espectro autista	Artigo	2020	CAPES
14	NAVOGINO, R. D.; LOPES, R. de C.	Pesquisa em andamento: os aspectos musicais despertados em indivíduos Beatlemaniácos autistas e não autistas ao ouvirem e analisarem a canção Yesterday da banda The Beatles	Artigo	2023	ANPPOM
15	NEVES, M. T. de S.; PARIZZI, B.	O Ensino de Piano e o Autismo: o que dizem as pesquisas?	Artigo	2022	ANPPOM
16	NEVES, M.T. de S. <i>et al.</i>	O ensino do piano e o transtorno do espectro do autismo: uma revisão sistemática	Artigo	2023	CAPES
17	NORONHA <i>et al.</i>	A Educação Musical para Crianças Diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista	Artigo	2019	ABEM
18	OLIVEIRA, G. do C. <i>et al.</i>	Relações entre a Educação Musical Especial e o desenvolvimento da comunicação social em crianças autistas	Artigo	2022	ABEM
19	OLIVEIRA, G. do C.; FONSECA, M. B.P.	Protocolo Organizador da Educação Musical Especial (PROEME): uma proposta para o planejamento docente	Artigo	2023	CAPES
20	PAZ, A. M. A. da; SILVA, N. C.; SILVA, L. S. da	O desafio da educação musical do século XXI na inclusão de estudantes autistas	Artigo	2023	ABEM
21	PENDEZA, D; DALLABRIDA, I. C.	Educação Musical e TEA: um panorama das publicações nacionais	Artigo	2016	ABEM
22	PEREIRA, G. de L.; VASCONCELOS, M. C. S.; SANTANA, L. da S. R.	Desenvolvimento musical de estudante com Transtorno do Espectro Autista (TEA): uma pesquisa em andamento	Artigo	2023	ABEM
23	RODRIGUES C. J.; DEFREITAS JÚNIOR A. D.	“O diploma é a coisa mais importante do mundo!”: relato de um caso de estudante com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) para adquirir um diploma no curso técnico em música, a partir da visão do aluno e de sua cuidadora	Artigo	2018	CAPES
24	SANTANA <i>et al.</i>	“Música Para olhar do lado de dentro”: relato de experiência de um projeto desenvolvido com crianças com Transtorno do Espectro Autista	Artigo	2019	ABEM
25	SANTANA, L. da S. R.; SILVA JUNIOR, J. D. da; SAMPAIO, R. T.	Reflexões sobre o aprendizado de música de uma criança com autismo a partir de observações sobre a integração sensorial: um estudo de caso	Artigo	2023	CAPES
26	SILVESTREIM, F. G.; CAREGNATO, C.	Paradigmas de inclusão na Educação Musical de Pessoas com Autismo: Uma Análise de Relatos Publicados pela ABEM	Artigo	2023	CAPES
27	WILLE, R. B.; BARROS, L. M. de	Estímulo vocal musical de crianças com autismo	Artigo	2019	ANPPOM
28	ZIMMER, P. N; RODRIGUES, J. C.; DEFREITAS, A. D	Educação musical e transtorno do espectro autista: análise da produção em revistas brasileiras de Artes/Música Qualis A1 e seus anais de eventos regionais e nacionais (2006-2016)	Artigo	2018	ABEM

Quadro 1 – lista dos artigos selecionados entre 2016 e 2023. Fonte: elaborado pelas autoras.

Os trabalhos selecionados para a pesquisa foram produzidos por 20 universidades, e estão apresentados no gráfico da Figura 1, destacando-se o

número de publicações e respectiva região do Brasil. Verifica-se que a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) foi a instituição de ensino significativamente expoente em publicações, num total de seis trabalhos. Outrossim, observa-se que as instituições da região Sudeste do país, juntas, apresentaram maior número de publicações, totalizando 11 das 28 encontradas, ou seja, 39% das publicações.

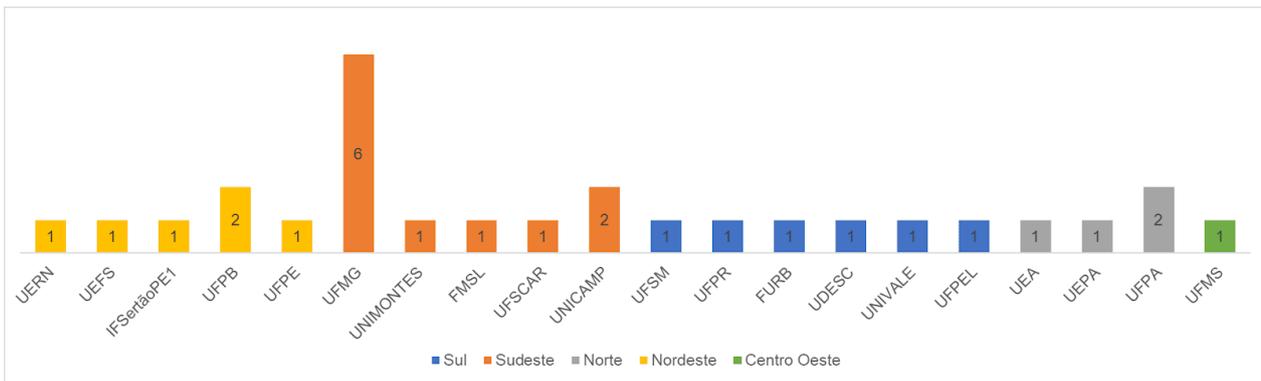


Figura 1 – Publicações nacionais por instituições de ensino superior. Fonte: elaborado pelas autoras.

#ParaTodosVerem: gráfico de colunas em cores com total de número de publicações nacionais por instituições dispostas por regiões, exibidas no interior de cada coluna. Da esquerda para a direita: Nordeste com 6; Sudeste com 11; Sul com 6; Norte com 4; e Centro Oeste com uma publicação.

No que se refere aos portais, observa-se, na Figura 2, que CAPES e ABEM foram os principais meios científicos utilizados para a disseminação dos conhecimentos na área da educação musical especial, seguidos respectivamente pela ANPPOM e pelo SIMCAM. SCIELO e SIMPOM apresentaram publicações duplicadas e/ou relacionados à musicoterapia e, portanto, foram desconsideradas.

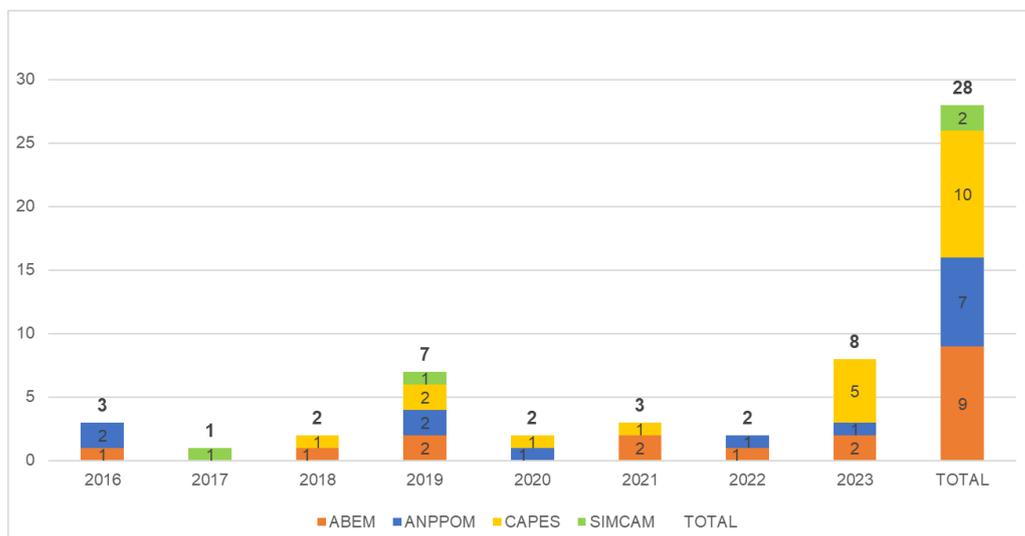


Figura 2 – Publicações por ano e portal investigados. Fonte: elaborado pelas autoras.

#ParaTodosVerem: gráfico de colunas em cores com as publicações por ano e portal encontrados. Cada coluna mostra o ano abaixo, no interior o número de publicações por portal e acima o total. Dispostas da esquerda para a direita: 3 publicações em 2016; uma em 2017; duas em 2018; 7 em 2019; duas em 2020; 3 em 2021; duas em 2022; e 8 publicações em 2023. A última coluna apresenta o total de publicações por portal, sendo de baixo para cima: 9 na ABEM, 7 na ANPPOM, 10 na CAPES e duas na SIMCAM.

O decréscimo de publicações entre os anos de 2019 e 2022, observado pelo gráfico da Figura 2, aconteceu a partir do primeiro ano de pandemia por Covid-19 no Brasil. Vê-se que depois de 2022 as publicações voltaram a crescer, e que 2023 superou o número de publicações no período. Possivelmente, a pandemia interrompeu a linha de crescimento das pesquisas científicas por meio da paralisação e do isolamento mundial cujo estabelecimento foi forçado pela doença.

Os dados do Censo Escolar divulgados pelo Ministério da Educação (MEC) apontaram, na educação especial, para um aumento de 41,6% no número de matrículas entre 2019 e 2023. Em 2023, o Censo registrou 1.771.430 matrículas nessa modalidade. Desse total, 53,7% são de estudantes com deficiência intelectual, seguido pelo TEA, com 35,9% delas. Possivelmente, a instituição da Lei brasileira nº 13.146, de 6 de julho de 2015, de inclusão da Pessoa com Deficiência, e o Estatuto da Pessoa com Deficiência, favoreceram o aumento desses alunos nas escolas. Nota-se que, conforme aumenta o número de estudantes com TEA na educação especial, também cresce o interesse por pesquisas sobre educação musical inclusiva com foco no autismo (Brasil, 2023).

De igual modo, Pendeza e Dallabrida (2016, p. 105) perceberam um aumento de publicações de pesquisas: “à medida que o TEA foi recebendo maior atenção da comunidade, sobretudo acadêmica e médica, as publicações acompanharam esse crescimento”. As autoras relatam que 2013 marcou um expressivo número de publicações em relação ao período e acreditam que a criação da Lei Berenice Piana (Brasil, 2012) gerou discussões em todo o território brasileiro sobre o tema, e exerceu influência e reflexões nas publicações científicas. Bellochio (2015) corrobora afirmando que as políticas públicas são elementos que impulsionam as pesquisas na temática estudada. Nessa direção, Gaiato e Teixeira (2018) acreditam que o

trabalho de conscientização da sociedade acerca do espectro aumentou o interesse pela temática, o que favorece discussões e pesquisas sobre o assunto.

Pendeza e Dallabrida (2016, p. 105) identificaram uma dispersão temática que pode estar relacionada com a oscilação das publicações: “[...] percebemos autores que publicam constantemente sobre as relações entre Educação Musical e TEA, também é possível verificar que outros publicam uma única vez e, em produções posteriores, focalizam outros temas de estudo”. Conforme Bellochio (2015), a dispersão pode se dar pela escolha de palavras-chave incoerentes com o texto publicado e por conta da alternância de tema nas pesquisas na área da educação especial pelos pesquisadores que se mantêm ativos nos congressos. Através da Figura 2, percebe-se que essas oscilações se estendem até o ano de 2023.

Quanto ao perfil dos autores, nos 28 artigos analisados foram encontrados 58 pesquisadores, dos quais 48 apareceram apenas uma vez e 10 apareceram com reincidência, conforme apresenta a Figura 3. Sobre o perfil de gênero, 11 são do sexo masculino, o que revela o espaço de pesquisas acadêmicas, nesse contexto, atualmente, como predominantemente feminino.

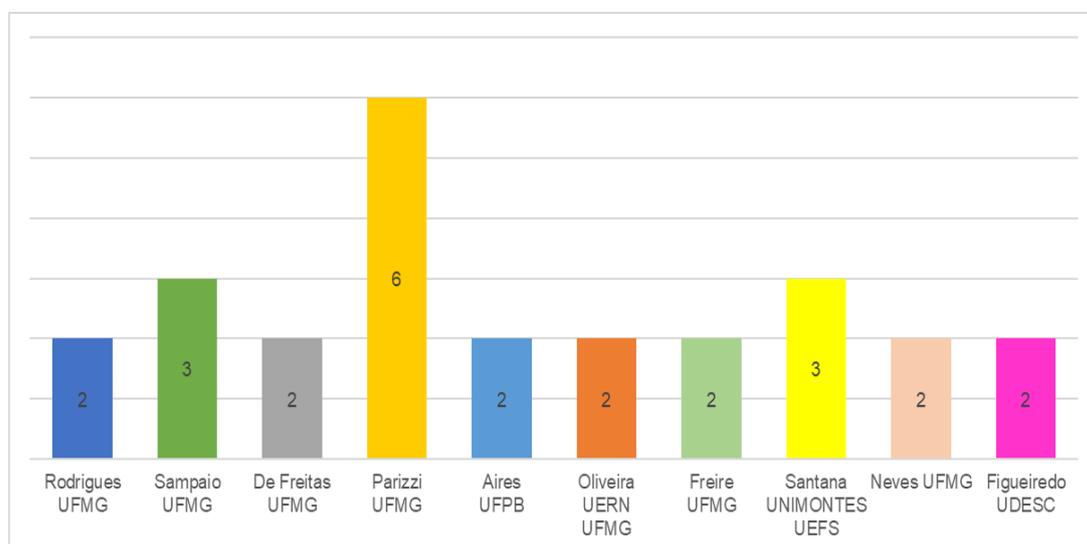


Figura 3 – Publicações por autor. Fonte: elaborado pelas autoras.

#ParaTodosVerem: gráfico de colunas em cores de publicações por autor. Cada coluna exibe o número de publicações com seu respectivo autor e instituição. Dispostas da esquerda para a direita: 2 de Rodrigues; 3 de Sampaio; 2 de De Freitas; 6 de Parizzi; 2 de Aires; 2 de Oliveira; 2 de Freitas; 3 de Santana; 2 de Neves; e 2 de Figueiredo.



Verifica-se que autora Maria Betânia Parizzi Fonseca, educadora musical graduada em piano e doutora em Ciência da Saúde pela Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), foi quem mais contribuiu para os estudos recentes de educação musical e autismo, totalizando seis publicações no período pesquisado.

Quanto à formação acadêmica dos autores, ressalta-se a falta de informação nas plataformas como ABEM, ANPPOM, SIMCAM e SIMPOM quando os artigos são publicados em anais. Nas publicações em revistas, foi possível avaliar a formação acadêmica de 34 autores: 21 possuem formação em música (licenciatura, bacharelado, mestrado, doutorado). Esses autores acumulam formações em diversas subáreas das três áreas do conhecimento encontradas: ciências da saúde, ciências da natureza, ciências humanas (gestão ambiental, neurociência, neuropsicopedagogia, psicologia, psicanálise, psicopedagogia, educação, comunicação e semiótica, música, musicoterapia, psicolinguística e artes). Presencia-se, assim, uma rede de conhecimentos unidos num objetivo comum, a Educação Musical e o autismo. Posto isso, pode-se dizer que as recentes pesquisas sobre Educação Musical e autismo revelaram um caráter sistêmico, em rede, interligando áreas do conhecimento científico para traduzir fenômenos e compreender e atender à realidade de forma a transpor barreiras.

Quanto à metodologia empregada pelas 28 pesquisas, faz-se necessário destacar que alguns trabalhos não relatam ou identificam corretamente suas metodologias, suscitando dúvidas como: grau de autismo dos investigados; diagnóstico de autismo; idade dos participantes; ausência, ou não, de comorbidades; ausência, ou não, de experiências anteriores com aulas de música; organização da sala de aula; procedimentos e práticas de ensino. Tais informações seriam relevantes para uma melhor compreensão dos resultados de pesquisa. Este aspecto já havia sido objeto de críticas por parte de Pendeza e Dallabrida (2016), o que leva a considerar a necessidade de maior rigor metodológico nas pesquisas brasileiras.

Quanto à natureza das pesquisas, a maioria é de cunho qualitativo e de tipo exploratório, característica comum aos trabalhos de pesquisa na área da educação. Segundo Morés (2012), a investigação qualitativa propicia ao pesquisador uma maior

aproximação com o sujeito da pesquisa, suas experiências e vivências no mundo social.

Em relação aos métodos de investigação das publicações selecionadas, foram encontradas: dez pesquisas bibliográficas; duas revisões sistemáticas de literatura; cinco estudos de caso; cinco pesquisas-ação; quatro trabalhos de abordagem mista; um relato de experiência e, por fim, uma pesquisa participante. Por conta disso, as técnicas de coleta de dados se realizaram principalmente por exploração, localização, identificação, revisão, leituras e fichamentos.

Referente aos resumos das pesquisas, pressupõe-se que devam apresentar, de forma sintética, os pontos mais relevantes dos trabalhos, de tal forma que o leitor obtenha uma noção geral dos textos, podendo decidir se prossegue, ou não, com a leitura. De acordo com Pereira (2011, p. 169), “o resumo informativo assemelha-se a um mini trabalho. Contém objetivo, método, resultados e conclusão. Com tal nível de detalhamento, pode mesmo dispensar a consulta ao texto completo”. Alguns dos resumos encontrados revelaram-se deficitários obrigando o leitor a percorrer o corpo do texto para identificar metodologia, aportes teóricos, contexto, conclusões, público-alvo etc. Dos resumos mais completos, tecnicamente bem constituídos, destacam-se: Pendeza; Dallabrida (2016) e Oliveira *et al.* (2022b).

No que diz respeito ao contexto e campo de pesquisa, as instituições especializadas em autismo foram as mais frequentes, seguidas por espaços educacionais (Educação Infantil, Universidades e a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais-Apae). Somente as pesquisas de Oliveira *et al.* (2022b) e de Paz, Cândido e Silva (2023) desenvolveram-se em escola especializada em educação musical. O artigo de Oliveira *et al.* (2022b), encontrado a partir do descritor “musicoterapia e TEA”, distingue-se por aproximar a educação musical à musicoterapia, e por fixar foco e objetivos no desenvolvimento, tanto musical quanto social.

Encontrou-se um artigo, no contexto da musicoterapia, com foco na avaliação do desenvolvimento musical da criança com autismo. Este trabalho, de Freire *et al.* (2019) analisou as evidências de validade da Escala de Desenvolvimento Musical de Crianças com Autismo (DEMUCA). A ferramenta de avaliação possibilita

aos musicoterapeutas e professores de música mensurar o avanço da aprendizagem do aluno com autismo.

A respeito dos aportes teóricos, são enunciados aqui os autores mais citados: Louro (2006; 2012), Freire (2014; 2018; 2019), Gattino (2015), Gomes (2010; 2015; 2014), Oliveira (2012; 2013; 2015; 2020), Fonterrada (1994; 2001; 2016), Schambeck (2014; 2016) e Parizzi (2015; 2020; 2022). Observa-se que a predominância é de autores brasileiros, embora autores internacionais tenham sido citados em quase todas as publicações. Verifica-se que a situação se reverteu, em comparação aos referenciais teóricos levantados por Pendeza e Dallabrida (2016), que foram em sua maioria da literatura estrangeira, em destaque, de língua inglesa. Esses artigos analisados dedicam, em sua maioria, espaço para discutir a legislação brasileira referente à educação inclusiva e ao autismo, assim como utilizam com frequência os manuais de diagnóstico (APA, 2013; 2014).

As áreas de conhecimento presentes nas pesquisas situam-se, em maior recorrência, nas políticas públicas, na saúde (questões diagnósticas, em especial), na psicologia (cognição, habilidades sociais) e na educação (aprendizagem musical, pedagogia musical, neuroaprendizagem, educação especial, educação musical especial e inclusão). São presenciados diversos segmentos de estudos, representados nessa rede orgânica de teóricos e estudiosos, pesquisadores do mesmo tema, com enfoques múltiplos.

Da mesma maneira, Pendeza e Dallabrida (2016), com vistas aos referenciais teóricos, percebem a multidisciplinaridade que envolvem as pesquisas e afirmam:

Um próximo passo seria ir além da pesquisa em outros campos e aprofundar a conversa com outros profissionais de forma mais direta, para que, futuramente, se realize a tão almejada transdisciplinaridade. Isso beneficiaria em muito as pessoas com TEA, pois os profissionais estariam mais alinhados e conhecedores das possibilidades que trazem efetividade no trato com esse público (Pendeza; Dallabrida, 2016, p. 110).

Sobre o foco e as expectativas das pesquisas, observa-se que estão centradas principalmente nas práticas e estratégias pedagógicas para o desenvolvimento de habilidades cognitivas, comportamento social adequado e comunicação social (linguagem). As variações de termos como “desenvolvimento



sociocultural”, “interação social”, “inclusão social” e “regulagem de comportamento” evidenciam o foco.

Somente oito publicações possuem abordagem na educação musical essencialmente inclusiva, são elas: Rodrigues e Defreitas Júnior (2018), Noronha *et al.* (2019), Santana *et al.* (2019), Mattos, Raucsh e Lang (2020), Figueiredo (2021), Silvestrim e Caregnato (2023), Oliveira e Fonseca (2023) e Paz, Cândido e Silva (2023). Essas publicações apresentam uma perspectiva diferente em relação às demais, pois enfatizam o ensino de música como um meio de expressão e inclusão social dos indivíduos autistas, em vez de considerá-los apenas como uma ferramenta para regulação de comportamento e desenvolvimento cognitivo. Além disso, tratam-se de perspectivas que reconhecem o autista como uma pessoa neurodiversa, ou seja, alguém com um modo diferente de viver e aprender. Essas abordagens se alinham ao modelo social da deficiência e à perspectiva da neurodiversidade, que não buscam “melhorar” ou “curar”, como ocorre na visão do modelo médico da deficiência (Ortega, 2009).

Dentro da perspectiva da neurodiversidade encontra-se a pesquisa de Neves e Parizzi (2022) que, embora tenha investigado as práticas pedagógicas e estratégias de ensino para alunos autistas, apresenta o termo “neurodiversidade” para versar sobre a necessidade de lidar com esses indivíduos como pessoas com condições diferentes de aprendizagem. De igual modo, a pesquisa de Mattos, Raucsh e Lang (2020) apresenta um olhar inclusivo, de humanização e empatia, apontando o cognitivo, fatores culturais e sociais, como a pluralidade da diversidade. As autoras propõem que o educador musical deve refletir sobre essas concepções para constituir práticas que proporcionem emancipação e inclusão da criança autista no contexto da Educação Infantil. Da mesma forma, o artigo de Paz, Cândido e Silva (2023) apresenta reflexão sobre o acolhimento das crianças com transtornos neurodivergentes nas escolas especializadas em ensino musical.

Por fim, salientamos o artigo de Figueiredo (2021), que aborda o capacitismo. De acordo com a autora, o capacitismo, que se faz significativamente presente no ensino de música, é uma forma de discriminação que presume que pessoas com deficiência não têm aptidão ou condições funcionais para o aprendizado de música. A autora sinaliza que o educador musical deve fornecer as condições necessárias

para o engajamento musical, sempre respeitando as características de cada aluno: seu tempo de aprendizado, gosto musical, potencial musical e contexto cultural. Desse modo, o professor realizará uma educação anticapacitista.

Considerações

Diante desse trabalho de investigação panorâmica das publicações científicas lançadas entre 2016 e 2023, observou-se um tímido, porém significativo, aumento de pesquisas sobre autismo no contexto da educação musical inclusiva. Contudo, percebe-se que as instituições especializadas no ensino de música constituem-se enquanto espaços pouco explorados e, ao mesmo tempo, de possibilidades para expansão e aprofundamento em novas investigações científicas. Essas novas investigações podem trilhar caminhos relacionados às perspectivas dos professores de música em relação aos alunos autistas, com abordagem no modelo social da deficiência e na perspectiva da neurodiversidade.

Destacamos ainda que os dados levantados apontam, no geral, a educação musical como ferramenta para o desenvolvimento da comunicação social e habilidades cognitivas, e para redução de comportamentos inadequados e características do autismo. Vislumbramos um pequeno, porém importante movimento no sentido da educação inclusiva e olhar social da neurodiversidade. Abre-se, portanto, um pressuposto para novas pesquisas científicas que abranjam esses conceitos, contextos e perspectivas.

Referências

AIRES FILHO, Sergio Alexandre de A. Música é linguagem? E o que o autismo tem a ver com isso? *In Anais do XXIX Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música*. Pelotas: v. 9, 8p., 2019.

AIRES FILHO, Sergio Alexandre de A. Educação musical e autismo: Um estudo sobre a percepção das mães a respeito do desenvolvimento de seus filhos nas aulas de musicalização. *In Anais do XXXI Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música*. João Pessoa: v. 31, 11 p., 2021.

APA American Psychiatric Association (APA). **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais (DSM-V)**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.



ASNIS, Valéria P.; ARANTES, Ana; ELIAS, Nassim C. Ensino de habilidades rítmicas para meninos com Transtorno do Espectro do Autismo. Santa Maria: **Revista Educação Especial**, v. 32, 2019.

BELLOCHIO, Cláudia. R. Educação Musical e pedagogia: mapeamento e Anais da ABEM (2001-2011). *In Anais do XXII Congresso Nacional da ABEM*. Natal: v. 1, 2015.

BLUMER, Caroline. A Educação Musical Aliada à Clínica Psicomotora e a construção Simbólica no Trabalho com Pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA). *In Anais do XXVI Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música*. Belo Horizonte: v. 24, 7p., 2016.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

BRASIL. **Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012**. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com TEA. Presidência da República, 2012.

BRASIL. **Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015**. Institui a Lei brasileira de inclusão da pessoa com deficiência. Brasília: Presidência da República, 2015.

BRASIL. **Ministério da Educação**. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). Censo Escolar da Educação Básica 2023. Disponível em: <http://inep.gov.br/censo-escolar>. Acesso em: 03 abr. 2023.

BRITO, Teca Alencar de. **Koellreutter**: O humano como objetivo da educação musical. 2. ed. São Paulo: Peirópolis, 2011.

CANDEMIL, Luciano da S; SILVA, Josiane Vitôr da; MULLER, Cristiane. Jardim En-Cantado: materiais didáticos para alunos com transtorno do espectro autista. *In Anais da ANPPOM: XXVI Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música*. Belo Horizonte: v. 26, 8p., 2016.

CUNHA, Roger V.; MENDES, Adriana, do N. A. Educação musical para pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA): proposta de atividade musical com o auxílio de Tecnologia Assistiva. *In Anais do XXV Congresso Nacional da ABEM*, v. 4, 2021.

DAUZACKER, Patrícia; STOCCHERO, Mariana de A. Transtorno do espectro do autismo: um levantamento bibliográfico. *In Anais do XIII Simpósio Internacional de Cognição e Artes Musicais*. Curitiba: ed. 13, p. 554-568, 2017.

FIGUEIREDO, Camila F. Perspectivas sobre o engajamento musical do aluno com autismo: uma revisão narrativa e interdisciplinar. *In Anais do XXV Congresso Nacional da ABEM*. A educação nacional Brasileira e a construção



de um outro mundo: proposições e ações a partir dos 30 anos de lutas, conquistas e problematizações da ABEM, v. 4, 2021.

FIGUEIREDO, Camila F.; LÜDERS, Valéria; SILVA, Marlon V. da. Tecnologia musical e transtorno do espectro autista: possibilidades e potencialidades na aula de música. In: **Anais do XIV Simpósio Internacional de Cognição e Artes Musicais**. Campo Grande: v. 14, p. 402-409, 2019.

FONSECA, Maria B. P. Musicalidade originária e educação musical: potencializando canais de comunicação com o autista. Universidade Federal de Minas Gerais. **ORFEU**, Florianópolis, v. 8, n. 1, 2023.

FONTEERRADA, Marisa T. de O. **De tramas e fios: um ensaio sobre música e educação**. São Paulo: Ed. Unesp; 2 ed., Rio de Janeiro: Funarte, 2008.

FREIRE, Marina; MARTELLI, Jéssica; SAMPAIO, Renato; PARIZZI, Betânia. Validação da Escala de Desenvolvimento Musical de Crianças com Autismo (DEMUCA): análise semântica, interexaminadores, consistência interna e confiabilidade externa. **Opus**, [s. l.], v. 25, n. 3, p. 158-187, 2019.

GADIA, Carlos A; TUCHMAN, Roberto; ROTTA, Newra T. Autismo e doenças invasivas de desenvolvimento. **Jornal de Pediatria**. Rio de Janeiro, v. 80, n. 2, 2004.

GAIATO, Mayra. **S.O.S. autismo: guia completo para entender o transtorno do espectro autista**. 5. ed., São Paulo: NVerso, 2018a, 256 p.

GAIATO, Mayra; TEIXEIRA, Gustavo. **O rezinho autista: guia para lidar com comportamentos difíceis**. 5. ed., São Paulo: NVerso, 2018b, 110 p.

GAINZA, H. Violeta. **Estudos de psicopedagogia musical**. 2 ed., São Paulo: Summus, v. 31, 1988.

KLIN, Ami. Autismo e síndrome de Asperger: uma visão geral. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, São Paulo, v. 28, mai. 2006. p. 3-11.

KORTMANN, Gilca, M. L. **Aprendizagens da criança autista e suas relações familiares e sociais: estratégias educativas**. Monografia (Especialização em Neuropsicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

LIMA, Telma Cristiane S. de; MIOTO, Regina Célia T. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Rev. Katálysis**, Florianópolis, v. 10, p. 37-45, 2007.

LOURO, Viviane dos S. **Educação musical, autismo e neurociências**. 1 ed. Curitiba: Appris, 2021a.

LOURO, Viviane. Ensino musical e Autismo: relato de uma experiência a partir de uma pesquisa de doutorado em neurociências. *Per Musi*, n. 41, General Topics: p.1-16, 2021b.

MATEIRO, Teresa; ILARI, Beatriz (org.). **Pedagogias em Educação Musical**. 1 ed. Curitiba: Intersaberes, 2012. E-book.
Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br>. Acesso em: 10 abr. 2024.

MATEIRO, Teresa; ILARI, Beatriz (org.). **Pedagogias brasileiras em educação musical**. 1 ed. Curitiba: Intersaberes, 2016. E-book.
Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br>. Acesso em: 10 abr. 2024.

MATTOS, G. E.; RAUSCH, R. B.; LANG, A. O som do silêncio: vibrações da música no desenvolvimento sociocultural da criança com espectro autista. *Revista Educação, Artes e Inclusão*, Florianópolis, v. 16, n. 1, p. 149-170, 2020.

MORÉS, Andréia. Investigação qualitativa em educação: tessituras com a metodologia estudo de caso. In: STECANELA, Nilda (org.). *Diálogos com a educação: a escolha do método e a identidade do pesquisador*. Caxias do Sul: **Educs**, 2012. p. 85-99.

MORRISON, R; MATUSZEK, T.; SELF, D. Preparing a Replication or Update Study in the Business Disciplines. *European Journal of Scientific Research*, v. 47, n. 2, p. 278-287, 2010.

NAVOGINO; Raquel D.; LOPES, Rodrigo de C. Pesquisa em andamento: os aspectos musicais despertados em indivíduos Beatlemaníacos autistas e não autistas ao ouvirem e analisarem a canção Yesterday da banda The Beatles. *In Anais do XXXIII Congresso da ANPPOM*. São João Del-Rei: v. 33, 2023.

NEVES, Maria Teresa de S.; PARIZZI, Betânia. O Ensino de Piano e o Autismo: o que dizem as pesquisas? *In Anais do XXXII Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música*. Natal, v. 32, 11 p., 2022.

NEVES, Maria Teresa de S.; FONSECA, M. B. P.; NUNES, Natália; FREIRE, Marina. O ensino do piano e o transtorno do espectro do autismo: uma revisão sistemática. *Orfeu*, Florianópolis, v. 8, n. 1, 2023.

NORONHA, Sandra Ferreira et al. A Educação Musical para Crianças Diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista. *In Anais do XXIV Congresso da ABEM: Educação Musical em tempos de crise: percepções, impactos e enfrentamentos* Campo Grande/MS: v. 3, 2019.

OLIVEIRA, Gleisson do Carmo; PARIZZI, Betânia. Educação musical e autismo. *In OLIVEIRA, Gleisson do Carmo et al. (org.). Música e autismo: ideias em contraponto*. Belo Horizonte: UFMG, p. 133-154. 2022a.



OLIVEIRA, Gleisson D. C. *et al.* Relações entre a Educação Musical Especial e o desenvolvimento da comunicação social em crianças autistas. **Revista da Abem**. Minas Gerais, v. 30, n. 2, e30211, 2022b.

OLIVEIRA, Gleisson do C.; FONSECA, Maria B. P. Protocolo Organizador da Educação Musical Especial (PROEME): uma proposta para o planejamento docente. **Orfeu**, Florianópolis, v. 8, n. 1, 2023.

ONU-Organização das Nações Unidas. **Declaração universal dos direitos humanos**. Assembleia Geral das Nações Unidas, 1948.

Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>. Acesso em: 10 abr. 2024.

OPAS/OMS - **Organização Pan-Americana de Saúde**. 2023. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/topicos/transtorno-do-espectro-autista> Acesso em 10 abr. 2024.

ORTEGA, Francisco. Deficiência, autismo e neurodiversidade. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 67-77, 2009.

PAZ, Anaide M. A. da.; SILVA, Neander C. S.; SILVA, Laís da S. O desafio da educação musical do século XXI na inclusão de estudantes autistas. *In Anais do XXVI Congresso Nacional da ABEM*. v. 5, 2023.

PENDEZA, Daniele; DALLABRIDA, Iara C. Educação Musical e TEA: um panorama das publicações nacionais. **Revista da ABEM**. Londrina, v. 24, n. 37, p. 98-113, 2016.

PEREIRA, Gabryelle de L.; VASCONCELOS Mônica C. S.; SANTANA, Lenice da S. Desenvolvimento musical de estudante com Transtorno do Espectro Autista (TEA): uma pesquisa em andamento. *In Anais do XXVI Congresso Nacional da ABEM*. Ouro Preto, v. 5, 2023.

PEREIRA, Maurício G. **Artigos científicos**: como redigir, publicar e avaliar. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan, 2011.

RODRIGUES, Jessika C.; DEFREITAS JÚNIOR, Áureo D. “O diploma é a coisa mais importante do mundo!”: relato de um caso de estudante com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) para adquirir um diploma no curso técnico em música, a partir da visão do aluno e de sua cuidadora. **Opus**, Belém do Pará, v. 24, n. 2, p. 140-158, 2018.

SANTANA, Lenilce da S. R. et al. “Música Para olhar do lado de dentro”: relato de experiência de um projeto desenvolvido com crianças com Transtorno do Espectro Autista. *In Anais do XXIV Congresso da ABEM*. Campo Grande: v. 3, 2019.





SANTANA, Lenilce da S. R.; SILVA JUNIOR, Jose D. da; SAMPAIO, Renato T. Reflexões sobre o aprendizado de música de uma criança com autismo a partir de observações sobre a integração sensorial: um estudo de caso. **Orfeu**, Florianópolis, v. 8, n. 1, 2023.

SANTOS, Giovana B. A; LOPARDO Carla E. Educação Musical e Musicoterapia: articulações entre ensino e terapia visando à inclusão e à formação integral de sujeitos. *In* **Anais do XVIII Encontro Regional Sul da ABEM**. Santa Maria: v. 3, 2018.

SCHAMBECK, Regina F. Inclusão de alunos com deficiência na sala de aula: tendências de pesquisa e impactos na formação do professor de música. **Revista da ABEM**, Londrina: v. 24, n. 36, p. 23-35, 2016.

SENRA, M.; ALVARES, T.; MATTOS, M. Inclusão escolar: os desafios da educação musical no ensino de crianças. **InterFACES**, v. 2, n. 27. p. 87-96, 2017.

SILVESTRIM, Fernanda G.; CAREGNATO, Caroline. Paradigmas de inclusão na Educação Musical de Pessoas com Autismo: Uma Análise de Relatos Publicados pela ABEM. **ORFEU**, Florianópolis, v. 8, n. 1, p. 2-33, 2023.

ZIMMER, Paulyane N.; RODRIGUES, Jéssika C.; DEFREITAS, Áureo D. Educação musical e transtorno do espectro autista: análise da produção em revistas Brasileiras de Artes/Música Qualis A1 e seus anais de eventos regionais e nacionais (2006-2016). **Revista da Abem**, [s. l.], v. 26, n. 40, p. 149-166, 2018.





Raquel Pereira Soares é licenciada em Música pela Universidade de Caxias do Sul (UCS) e mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação pela mesma instituição. É pesquisadora do tema Educação Musical para crianças e adolescentes autistas. Tem experiência no campo da musicalização infantil, exercendo a prática docente em escolas de Educação Infantil e Escolas especializadas em Ensino de Música. Atualmente, é professora de flauta doce, flauta transversal e canto. Também é flautista da Orquestra Municipal de Caxias do Sul (RS).
<http://lattes.cnpq.br/1657853861206277>

Cláudia Alquati Bisol é psicóloga pela Universidade de Caxias do Sul (UCS), mestre e doutora em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). É professora nos cursos de Graduação em Psicologia, Pós-Graduação em Educação e Pós-Graduação em Psicologia na Universidade de Caxias do Sul (UCS). Áreas de interesse e pesquisa: Educação Inclusiva, Psicanálise, Educação Especial.
<http://lattes.cnpq.br/3997987650767997>

